
A Geopolítica pelas Imagens

Linguagem Cartográfica e Circulação de Ideias Geopolíticas no Brasil

*The Geopolitics by Images: Cartographic Language and the Circulation of
Geopolitical ideas in Brazil*

*La Geopolítica por las Imágenes: Lenguaje cartográfico y la circulación de ideas
geopolíticas en Brasil*

*La géopolitique par les Images: Langage cartographique et la circulation des
idées géopolitiques au Brésil*

André Reyes Novaes



Electronic version

URL: <http://terraBrasilis.revues.org/1722>

DOI: 10.4000/terraBrasilis.1722

ISSN: 2316-7793

Publisher:

Laboratório de Geografia Política -
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira
de História da Geografia e Geografia
Histórica

Electronic reference

André Reyes Novaes, « A Geopolítica pelas Imagens », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 6 | 2015,
posto online no dia 17 Dezembro 2015, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://terraBrasilis.revues.org/1722> ; DOI : 10.4000/terraBrasilis.1722

This text was automatically generated on 30 septembre 2016.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A Geopolítica pelas Imagens

Linguagem Cartográfica e Circulação de Ideias Geopolíticas no Brasil

The Geopolitics by Images: Cartographic Language and the Circulation of Geopolitical ideas in Brazil

La Geopolítica por las Imágenes: Lenguaje cartográfico y la circulación de ideas geopolíticas en Brasil

La géopolitique par les Images: Langage cartographique et la circulation des idées géopolitiques au Brésil

André Reyes Novaes

Introdução

- 1 Os escritos dos geopolíticos brasileiros do século XX vêm sendo estudados por meio de diferentes óticas nas últimas décadas. A leitura de autores como Everaldo Backheuser, Mario Travassos, Delgado de Carvalho, Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva ganhou considerável destaque nas pesquisas de estudiosos brasileiros e estrangeiros (e.g Child, 1979, Myamoto, 1981, Becker, 1988, Costa 1992, Hepple, 1992, Dodds, 1993, Pereira e Zusman, 2000, Anselmo, 2002, Martin 2007, entre outros). No entanto, apesar de existir um interesse consolidado sobre estes textos entre geopolíticos e historiadores da geografia, pouca atenção sistemática tem sido dada à produção cartográfica que os acompanhavam.
- 2 Em seu texto de 1983 traduzido no número 4 da revista Terra Brasilis, Bruno Latour (2015:4) destaca a importância de se estudar o papel das imagens na produção do conhecimento científico. As imagens e inscrições ajudam a constituir nossa forma de “argumentar, comprovar e acreditar”, e são especialmente úteis em uma situação controversa. “Você duvida do que eu digo? Vou lhe mostrar” (Latour, 2015:4). Grande parte dos argumentos dos geopolíticos brasileiros foram ilustrados e sistematizados

através de mapas esquemáticos, imagens que podem ser interpretadas como “inscrições” mobilizadas para “conquistar aliados”, como diria Latour.

- 3 Tendo como objetivo dialogar com tendências contemporâneas que relacionam o conhecimento geopolítico à produção, circulação e recepção de imagens (e.g MacDonald, Hughes e Dodds, 2010), este artigo oferece notas introdutórias de um projeto mais amplo sobre linguagem cartográfica e geopolítica brasileira. A pesquisa realizada vem fazendo um levantamento sistemático dos mapas que acompanhavam narrativas geopolíticas em artigos e livros sobre as fronteiras brasileiras publicados entre o início do século XX e a década de 1980.
- 4 Narrativas históricas com tendências metodológicas e lugares de enunciação diversificados, como Mattos (1977), Costa (1992) e Dodds (1993), parecem concordar que os primeiros textos explicitamente geopolíticos no Brasil datam do início do século XX e apresentavam forte influência alemã (e.g Backheuser, 1926). O declínio abrupto das referências à geopolítica nos EUA e na Europa durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, não foi sentido com a mesma intensidade no Brasil e no Cone Sul, pois esse período representou a consolidação de um pensamento político militar autoritário na região. Inspirando muitas políticas de estado e se associando com as doutrinas de Segurança Nacional no contexto da Guerra Fria, a geopolítica “persistiu” na América Latina durante a segunda metade do século XX (Child, 1979, Hepple, 1992), agora sob influência de autores norte-americanos (e.g. Mattos, 1977). Já na década de 1980, embora a Biblioteca do Exército Brasileiro siga publicando títulos com temáticas geopolíticas, há um reconhecido declínio no impacto da circulação dessas ideias no país, devido ao processo de democratização e o surgimento de um “novo regionalismo” com maior tendência cooperativa e econômica (Kacowicz, 2000:90).
- 5 Uma pesquisa inicial vem sendo realizada em um representativo conjunto de livros disponíveis na Biblioteca do Exército, no Instituto Militar de Engenharia e na Biblioteca da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O material encontrado se revela bastante rico, apontando direções renovadas para o estudo das relações entre cartografia e geopolítica. Por meio da apresentação de alguns exemplos selecionados do universo de pesquisa, o objetivo específico deste artigo é comparar o uso de imagens na difusão de teorias geopolíticas sobre as fronteiras em dois autores, que embora mobilizem bibliografias e ideias bastante similares, são geralmente associados a “gerações” distintas do pensamento geopolítico brasileiro (Myamoto, 1981 : 80): Everardo Backheuser e Carlos de Meira Mattos.
- 6 Como os textos e imagens desses autores podem revelar rupturas e continuidades no pensamento geopolítico no Brasil? Esta pergunta certamente não será respondida por completo no presente artigo, mas buscarei evidenciar a importância das imagens, geralmente tomadas como elementos secundários ou meramente ilustrativos, no estudo da circulação do conhecimento geopolítico. O objetivo aqui não é apresentar os resultados de um levantamento sobre o uso das imagens em argumentações geopolíticas, mas apenas introduzir esta temática.
- 7 A primeira seção busca oferecer uma descrição mais detalhada de alguns caminhos que pesquisadores brasileiros e estrangeiros trilharam no estudo das narrativas geopolíticas na América do Sul. Porém, apesar de reconhecer a variedade e a intensidade das pesquisas realizadas, busca-se evidenciar como foram raros os trabalhos que se debruçaram especificamente sobre as linguagens cartográficas aplicadas e os discursos geopolíticos difundidos pelos autores brasileiros. A tarefa de iluminar estes aspectos foi inspirada por

abordagens críticas que vêm se desenvolvendo na história da cartografia e na geopolítica anglo-saxã nas últimas décadas (e.g Harley, 2002, Thuathail, 1996). Estas abordagens ainda são pouco difundidas entre os estudiosos da geopolítica latino-americana e podem explorar de forma inovadora as relações entre geopolítica e cultura visual (Campbell, 2007).

- 8 Ao partir da opção por uma abordagem que valorize tanto os textos quanto as linguagens cartográficas aplicadas, a segunda seção do artigo discute como os mapas podem relativizar narrativas históricas tradicionais sobre a geopolítica brasileira. A seção busca explorar os textos e imagens utilizados para apresentar teorias geopolíticas sobre as fronteiras nos livros: “A Geopolítica Geral e do Brasil”, de Backheuser publicado em 1952 e “A Geopolítica e as projeções de Poder”, do General Meira Mattos de 1977. Considerando o papel das imagens na comunicação de informações, a análise dos textos e mapas privilegia a identificação de rupturas e continuidades no pensamento geopolítico brasileiro.

O Estudo da Geopolítica no Brasil: tendências e negligências

- 9 Foram variados os caminhos metodológicos percorridos para se estudar as ideias geopolíticas na América do Sul e qualquer classificação destes trabalhos incorre em algum grau de generalização e esquecimento. A literatura levantada neste projeto vem sendo classificada de forma introdutória em torno de quatro grandes tendências no estudo do pensamento geopolítico no Brasil: *estudos domésticos celebratórios*, *estudos estrangeiros descritivos*, *estudos domésticos históricos* e *estudos críticos estrangeiros*. O objetivo desta seção não é apresentar de forma exaustiva uma pesquisa bibliográfica completa e acabada, mas apenas exemplificar estas tendências com trabalhos selecionados e identificar algumas de suas negligências.
- 10 Os autores destas variadas tendências muitas vezes se ignoram mutuamente, mas podem estabelecer contatos e trocas em momentos específicos, o que é evidenciado nas citações e referências encontradas em livros e artigos. Escrevendo em 1977, o general Meira Mattos conclui seu capítulo sobre a “escola geopolítica brasileira” citando o texto do norte-americano Lewis Tambs (1965), reconhecido como “o primeiro Norte Americano a estudar e analisar a extensa literatura sobre geopolítica na América Latina” (Hepple, sd:2). Comentando a força da geopolítica na América Latina, o autor destacava “de maneira honrosa” a contribuição dos brasileiros, afirmando que desde os trabalhos de Backheuser na década de 1920, o Brasil teria “mantido uma liderança contínua nas publicações geopolíticas”, estabelecendo, “ao contrário da Argentina”, uma verdadeira “tradição” (Tambs, 1965). Posteriormente, Tambs (1977, 1980) publica artigos em português e espanhol em revistas latino-americanas e seus trabalhos influenciam e legitimam os debates geopolíticos domésticos, evidenciando a instabilidade da classificação aqui proposta.
- 11 De qualquer forma, Mattos e Tambs podem exemplificar as duas primeiras tendências de estudo da geopolítica brasileira listadas acima. As passagens históricas no trabalho de Mattos podem ser classificadas como um *estudo doméstico celebratório*, quando os próprios militares e geopolíticos brasileiros escrevem contando a história de “grandes homens e grandes ideias”, expediente muito comum nas estratégias historiográficas geopolíticas (Thuathail e Agnew, 1992). Esta tendência de estudo foi frequente a partir da segunda

metade do século XX, e permanece sendo praticada até a atualidade em livros e artigos majoritariamente publicados pela Editora da Biblioteca do Exército (e.g Freitas, 2004). O intuito desta tendência é valorizar a tradição geopolítica brasileira e evidenciar sua densidade e influência política ao longo do século XX.

- 12 Ciente dos riscos de uma generalização, pode-se identificar um eco desta tendência celebratória em alguns autores estrangeiros, principalmente norte-americanos, que passaram a se interessar pela geopolítica brasileira ainda na década de 1970. Os artigos de Tambs (1965, 1970) são considerados pioneiros e chamaram a atenção de outros estudiosos norte-americanos para o pensamento geopolítico sul-americano. Grande parte destes trabalhos podem ser considerados como *estudos estrangeiros descritivos*, pois os autores têm como preocupação central alertar para a expressividade do pensamento geopolítico no Brasil e descrever as suas principais obras e ideias.
- 13 Um dos autores mais reconhecidos desta tendência é certamente o militar e acadêmico norte-americano Jack Child, que em 1979 escreveu um artigo sobre o “pensamento geopolítico latino-americano”. Segundo o autor, apesar de ter declinado internacionalmente após a Segunda Guerra Mundial, a geopolítica seguiria viva, principalmente no Brasil, “onde os mais importantes pensadores e escritores sobre geopolítica tem estado nos últimos 30 anos” (Child, 1979:89). Após o seu famoso artigo publicado na *Latin America Research Review*, Child (1985, 1988) produziu uma série de livros sobre os conflitos geopolíticos sul-americanos. Mais recentemente, este autor se aproximou dos estudos culturais, discutindo a geopolítica sul-americana por meio da análise semiótica de selos postais (Child, 2008). Estes estudos abriram caminho para uma agenda de pesquisa renovada envolvendo autores estrangeiros diretamente ligados a academia e interessados no pensamento geopolítico da América do Sul (e.g Kelly, 1984, Dodds, 1993, Hepple, 1986, 1992).
- 14 Paralelamente e muitas vezes sem contato com este interesse internacional, pesquisadores brasileiros também passaram a dar atenção a geopolítica enquanto um objeto de estudo autônomo. O fim do regime militar estimulou uma série de trabalhos acadêmicos ligados à ciência política e à geografia, que, a partir da década de 1980, buscou analisar os contextos e as influências teóricas dos geopolíticos brasileiros. Estes trabalhos apresentaram um olhar mais crítico e analítico e se aprofundaram nas influências teóricas internacionais mobilizadas por geopolíticos locais. Esta produção acadêmica apresenta considerável densidade e diversidade, oferecendo uma preocupação constante com as relações entre ideias geopolíticas e políticas públicas praticadas pelos governos brasileiros. Existe aqui uma abordagem crítica bastante original, proveniente de uma relação entre as ideias geopolíticas e as ações dos governos militares.
- 15 No âmbito da ciência política, os trabalhos de Myamoto (1981) e Mello (1987) estimularam um olhar mais analítico sobre a geopolítica, e, segundo Costa (1992) ambos identificam a influência de autores como Ratzel, Kjellen, Mackinder e Spykman no pensamento geopolítico brasileiro. Myamoto observa uma influência do “determinismo de Ratzel” em toda a geopolítica brasileira, mas Costa (1992) discorda da visão simplista de determinismo identificada pelo autor, afirmando que Myamoto deveria problematizar a apropriação de Ratzel. Escrevendo do ponto de vista da geografia política no início da década de 1990, Costa chama a atenção para a pouca consistência nas apropriações teóricas dos geopolíticos brasileiros, que fariam uma “absorção imediata” e uma “transposição de fórmulas” das ideias que circulavam na Europa.

- 16 A tendência descrita acima, poderia ser classificada como *estudos domésticos históricos*, reunindo trabalhos que buscaram estudar os contextos de produção e as influências nas ideias dos geopolíticos brasileiros. Embora tenham se desenvolvido bastante no início da década de 1990, esta tendência se diversificou nos anos posteriores e alguns trabalhos importantes têm se especializado nas ideias de autores e debatido o impacto de suas obras na história da geografia (Anselmo, 2000, Pereira e Zusman, 2000). De certa forma, existe uma demanda pela intensificação de uma agenda de pesquisa sobre as ideias geopolíticas no Brasil (Vlach, 2003, Pfrimer, 2011).
- 17 É possível constatar que a produção de estudos sobre os geopolíticos brasileiros é bastante diversificada e segue relevante na atualidade. No entanto, apesar de reconhecer a intensidade das pesquisas realizadas, é possível evidenciar algumas negligências temáticas e metodológicas nesses estudos. Por um lado, o tema da cartografia esquemática não aparece com destaque recorrente, por outro, a metodologia aplicada nestes trabalhos dificilmente dialoga com tendências contemporâneas que relacionam geopolítica e cultura visual.
- 18 Escrevendo sobre cartografia e geopolítica sul-americana em 1993, o geógrafo inglês Klaus Dodds destacava justamente o fato de que embora existisse um interesse pelos textos geopolíticos sul-americanos, as abordagens das pesquisas eram muitas vezes descritivas e biográficas, negligenciando a análise simbólica dos mapas. Dodds (1993) identifica uma série de lacunas nas pesquisas anteriores e valoriza a possibilidade de estudo dos mapas geopolíticos a partir de uma abordagem crítica e interpretativa. Escrevendo muito próximo ao momento do surgimento das tendências renovadas da geopolítica crítica, que entende a geopolítica enquanto uma prática discursiva (Tuathail e Agnew, 1992), Dodds cobrava uma renovação nas tendências metodológica nos estudos sobre a geopolítica sul-americana.
- 19 Este caminho sugerido por Dodds poderia ser classificado como *estudos críticos estrangeiros* e outros autores também alertaram para as potencialidades do encontro entre a geopolítica crítica e o pensamento geopolítico sul-americano (Kacowicz, 2000). No entanto, apesar do seu potencial, esta tendência se desenvolveu de maneira tímida. Embora tenha feito uma série de advertências, Dodds não desenvolveu uma pesquisa sistemática sobre os mapas geopolíticos sul-americanos e seus interesses de pesquisa se voltaram mais especificamente para a geopolítica da Antártida (Dodds, 1997). Além disso, a limitação linguística e a dificuldade de acesso aos arquivos também restringiu a realização de estudos aprofundados feitos por geógrafos estrangeiros. A geopolítica brasileira segue como um objeto difuso, mas alguns autores nacionais vêm buscando estabelecer um diálogo com tendências da geopolítica crítica para arejar o estudo da circulação de ideias na América Latina (Steinberger, 2005, Pfrimer, 2011, Novaes, 2010, Monteiro, 2014).
- 20 A valorização do estudo das imagens foi crescente na geopolítica crítica. Um dos principais formuladores desta tendência de pesquisa, Tuathail (1996), foi também pioneiro na atenção dada ao papel das imagens na geopolítica. Introduzindo a noção de “ocularcentrismo” para se referir ao privilégio da visão na modernidade, o autor discute o surgimento de um ponto de vista privilegiado do mundo em perspectiva como uma cultura visual fundamental para o governo dos estados e a formulação das ideias geopolíticas (Hughes, 2008). Tuathail identifica essa valorização da visão em pilares da geopolítica como Friedrich Ratzel, Nicholas Spykman e Halford Mackinder, evidenciando como geopolítica e cultura visual se tornaram “co-constitutivas”.

- 21 A constatação da relação intrínseca entre geopolítica e imagem estimulou trabalhos em caminhos variados e muitas vezes controversos. Em uma revisão do livro de Thuathail (1996), Heffernan (2000) lamenta a ausência de um mergulho mais aprofundado nas imagens, cobrando uma “análise séria de como precisamente as imagens visuais foram aplicadas”. De fato, apesar de anunciarem o poder das imagens na construção das ideias geopolíticas, poucos autores se aprofundaram mais sistematicamente nas linguagens visuais e suas formas de produção, difusão e recepção. Foi apenas na segunda metade da década de 2000 que surgiram trabalhos com investigações sistemáticas sobre as relações entre geopolítica e cultura visual. (MacDonald 2006; Campbell 2007; Hughes 2007).
- 22 A publicação da coletânea de Macdonald, Hughes e Dodds em 2010, “*Observant States*”, exclusivamente dedicada a geopolítica e cultura visual, pode mostrar a consolidação dessa agenda de pesquisa. No entanto, os autores declaram explicitamente que buscam ir “além de Heffernan”, pois seus objetivos se relacionam mais com a “visualidade em geral do que com a iconologia em particular” (p.13). Ou seja, a intenção não é analisar a linguagem peculiar das imagens e seus significados, mas sim as práticas e os “modos de ver” atrelados as ideias geopolíticas. Seguindo mais a tendência proposta por Heffernan, a presente pesquisa busca focar as linguagens cartográficas utilizadas para representar as fronteiras nos livros dos geopolíticos brasileiros. Ao reproduzirem e adaptarem modelos que apareciam em livros e artigos europeus e norte-americanos, os mapas geopolíticos brasileiros também podem evidenciar permanências e continuidades no discurso geopolítico brasileiro.
- 23 Apesar de já existir alguma influência da geopolítica crítica na geografia brasileira, o estudo das imagens ainda é feito de forma tímida e a dimensão elementar da linguagem parece ser fundamental para iniciar um estudo sobre a temática. Ao coletar um grupo significativo e original de imagens e organizar séries que revelem práticas cartográficas e narrativas geopolíticas recorrentes, a pesquisa pretende oferecer caminhos renovados para o estudo da geopolítica brasileira.

Porque Imagem? Mattos, Backheuser e o ensino da Geopolítica

- 24 Ao contar a história da geopolítica no Brasil, muitos autores recorrem a uma periodização bem demarcada, que define momentos distintos de influências teóricas internacionais. Em sua apresentação sobre o pensamento geopolítico brasileiro no século XX, proferida no XII Ciclo de Estudos Estratégicos do Exército em 2013, o major P. H. L. Gabriel projetou um quadro que sintetiza a forma como grande parte dos autores de diferentes tendências organizaram a história da geopolítica no Brasil (fig.1). Nos dois extremos, estariam Backheuser, único geopolítico diretamente influenciado pela “escola determinista alemã”, e Meira Mattos, inspirado pela “escola possibilista” francesa e a “escola Britânica/Americana”. Esta é certamente uma forma caricata e essencialista de representação, mas que pode ser útil na identificação de uma tendência historiográfica específica. As setas e a organização cronológica acabam por destacar as rupturas no pensamento geopolítico brasileiro.

Figura 1: Influências Estrangeiras na Geopolítica Brasileira



Slide da apresentação do major P. H. L. Gabriel

Disponível em: <http://www.eceme.ensino.eb.br/ciclodeestudosestrategicos/2013/dmdocuments/O%20Pensamento%20Geopolitico%20Brasileiro%20no%20Seculo%20XX.pdf>

- 25 Este tipo de narrativa histórica sobre as influências na geopolítica brasileira pode encontrar amparo em trechos de textos que evidenciam discordâncias teóricas entre os autores. Buscando demarcar claramente a sua diferença com Backheuser, Mattos dedica seu livro a Mario Travassos e anuncia uma rejeição explícita ao vocabulário difundido por autores alemães. No trecho abaixo, Mattos deixa clara suas opções teóricas ao questionar as ideias “pseudogeopolíticas” de Haushofer:

O pequeno trecho de Karl von Haushofer é um retrato vivo de seu pensamento pseudogeopolítico e de sua adesão à teoria organicista de Kjellén. Sua linguagem – fenômeno vital, lei coagulada, Estado decadente, lei que nasceu conosco – representa a própria essência do estado – organismo vivo. Sua concepção política foi servir ao expansionismo germânico. Representado uma perversa distorção da geopolítica. Foram pensamentos desse teor, cheios de preconceitos expansionistas, que influíram para que alguns setores acadêmicos rejeitassem a aceitação da geopolítica como ciência (...). Contrapondo-se à teoria organicista apresentamos algumas expressões de pensadores franceses, belgas, ingleses, norte-americanos e brasileiros, expressões do pensamento liberal democrático sobre este mesmo tema – fronteira” (Mattos, 2011 [1990]:32).

- 26 É possível notar que a necessidade de Mattos em se calcar em autores “não –alemães” associados ao “pensamento liberal democrático” tem relação com o contexto posterior a Segunda Guerra Mundial, quando a geopolítica alemã foi vinculada ao nazismo de forma extremamente monolítica e, por vezes, mitológica (Bassin, 1987, Herb, 1989, Costa, 1992). As ideias “deterministas” de Ratzel vêm sendo relativizadas há bastante tempo, inclusive no Brasil (Moraes, 1990, Martins, 1993, Seemann, 2012) e muitos trabalhos têm apontado para as incompatibilidades entre autores da geopolítica alemã, como Haushofer, e as práticas cartográficas aplicadas pelos nazistas, geralmente mais simplistas e raramente

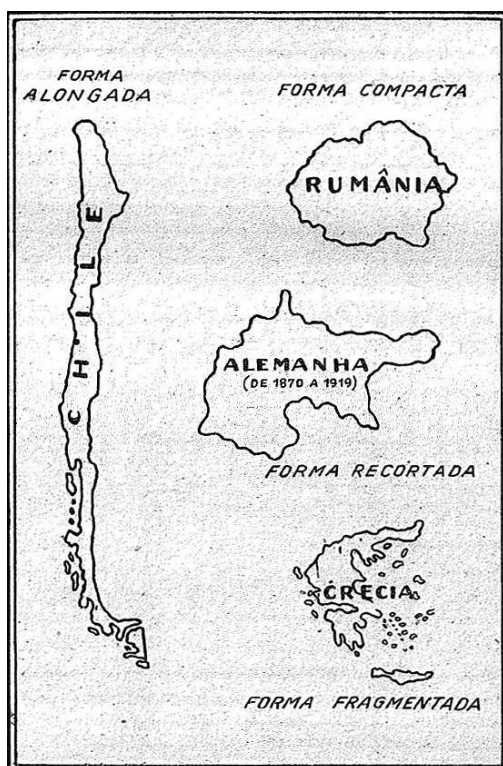
acompanhadas de reflexões teóricas sistemáticas (Herb, 1989). No presente artigo não é meu objetivo aprofundar esses debates, mas evidenciar como estas controvérsias tiveram impacto na historiografia brasileira.

- 27 Reproduzindo de forma bastante rasa e imediata as ideias que circulavam na geopolítica internacional, grande parte dos trabalhos sobre as influências internacionais na geopolítica brasileira ecoavam as separações simplistas de Febvre entre “determinismo” e “possibilismo” na geografia. Após a Segunda Guerra Mundial o “determinismo alemão” foi taxado como “distorção” nazista da geopolítica e muitos acadêmicos reproduziram informações pouco criteriosas que circulavam na imprensa norte-americana sobre os “generais por trás de Hitler” (Bassin, 1987). Talvez um dos autores que mais tenha sofrido com essa mudança política nas citações acadêmicas tenha sido Backheuser, que viu toda sua base teórica ser questionada e deslegitimada. Por ter publicado um artigo na revista de Haushofer em 1926, o autor foi muitas vezes associado ao nazismo, mas ele mesmo buscava especificar as contribuições da geopolítica alemã e as diferenças desta “escola” com as ideias de Hitler:

Falar em “geopolítica” e em “espaço vital”, naquele turvo período de ódios desencadeados pela guerra, era quase um crime. No entanto, muito antes de cair esse anátema sobre o nome e a ciência, isto é, em 1924, muito longe, portanto, do aparecimento de Hitler no cenário mundial, já divulgava eu, em artigos na imprensa carioca e no volume notas préveas as ideias de Kjellen, as legítimas ideias desse autor, e em 1926 víamos transcrito na revista de Haushofer e Maull um dos capítulos desse nosso livro, talvez o mais significativo deles: conglomerado político Brasileiro (Backheuser 1952:47).

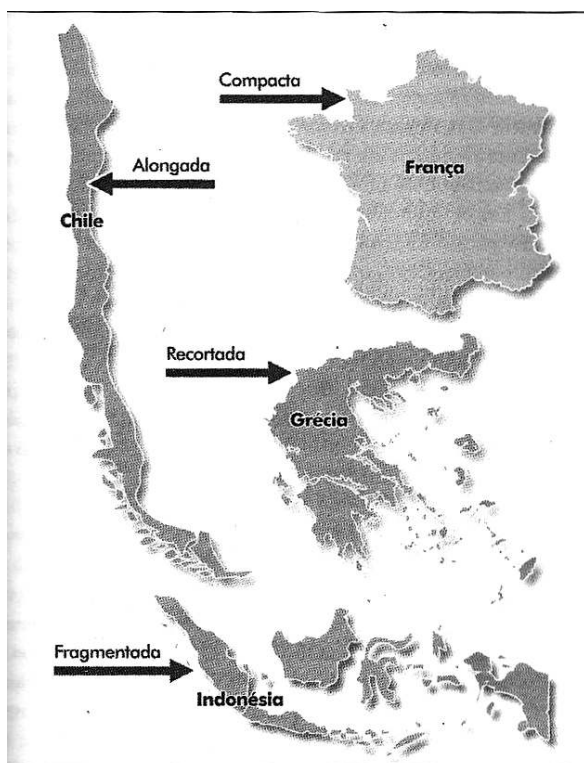
- 28 Ao apresentar seu principal texto, “conglomerado político brasileiro”, Backhuser se posiciona como defensor da geopolítica alemã e seria fácil associa-lo de forma direta e exclusiva com a “escola determinista”. Reproduzindo uma lógica de escolas nacionais, Backheuser questiona diretamente os “escritores franceses e ianques”, que não aprenderam a geopolítica “em primeira mão”, nas “fontes originárias”. O autor problematiza a valorização de Mackinder e lamenta o que chama de um “estigma hitlerista” sobre a palavra geopolítica: “condenável e desprezível, criada *ad hoc* para justificar a política do nazismo” (p.47). O quadro sobre a geopolítica no Brasil no século XX, apresentado pelo o major P. H. L. Gabriel, corrobora as filiações com que cada autor busca se legitimar. Backheuser se alinha a uma “escola alemã” enquanto Mattos a uma “escola norte-americana” e “francesa”. Não seria difícil encontrar passagens textuais que problematizassem essas filiações, como, por exemplo, trechos em que Mattos elogia o pioneirismo e as ideias de Backheuser, mas o que as imagens mobilizadas por esses autores poderiam nos contar sobre as suas influências?
- 29 O primeiro elemento que chama a atenção ao se comparar os dois livros aqui estudados é a similaridade e a convergência entre algumas imagens selecionadas. Uma breve análise do índice evidencia que os temas muitas vezes se aproximam e que, de fato, a divergência teórica expressa acima não se concretiza em uma diferença marcante nos conteúdos e imagens selecionadas. A primeira imagem que aparece no livro de Backheuser, mais precisamente na página 84 do capítulo sobre a “teoria das fronteiras”, é praticamente a mesma que aparece na página 16 do livro de Meira Mattos, quando o autor trata das formas dos territórios (fig. 2 e 3). A versão mais atual do livro de Mattos (2011) evidencia como mesmo com o desenvolvimento de técnicas computacionais os mapas permanecem muito similares.

Figura 2: Formas Continentais em Backheuser



Backheuser, 1952

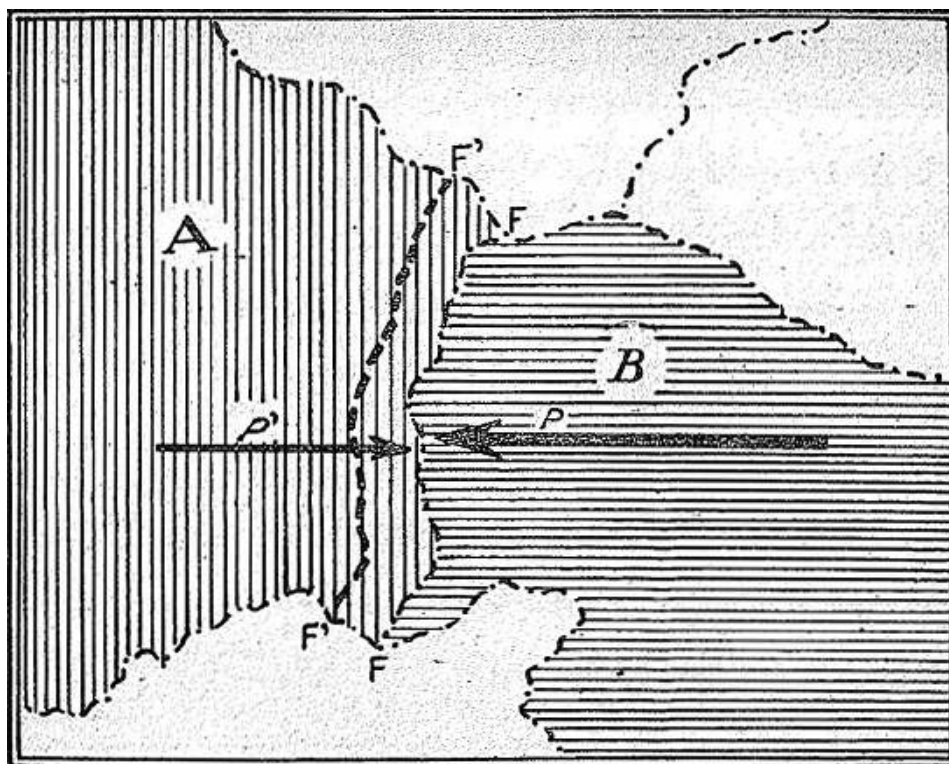
Figura 3: Formas Continentais em Mattos



Mattos, 2011 [1977]

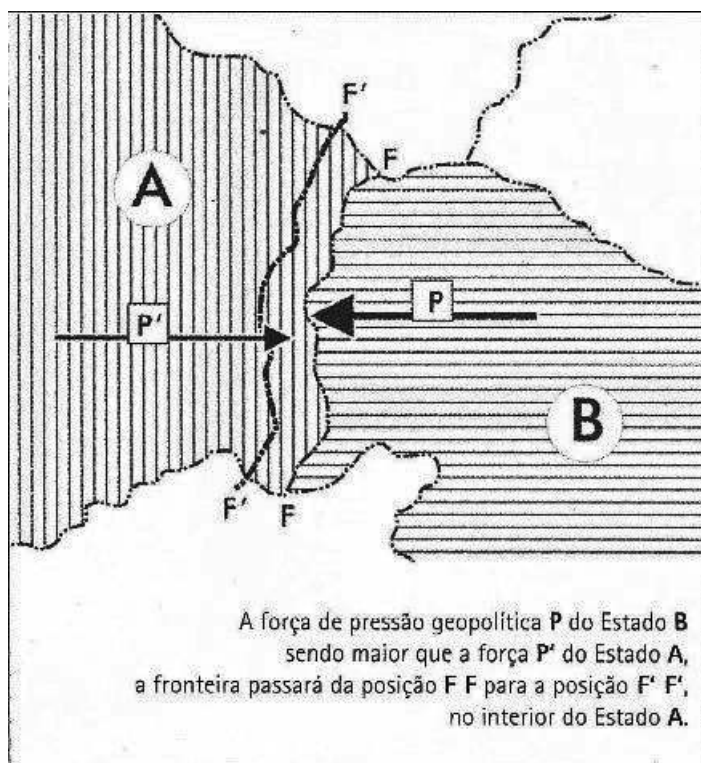
- 30 A associação entre as questões geopolíticas de cada estado nacional e a sua forma geométrica é uma ideia de origens variadas e foi apresentada na Alemanha a partir de autores como Ritter e suas ideias sobre as “formas exteriores” (Capel, 2012). No entanto, quando Backheuser usa esta imagem a sua referência é a ecologia norte-americana de Renner e White em seu livro “*Human Geography - introduction to human ecology*” de 1936. Esta é a mesma referência de Mattos (1977), que também enumera as quatro formas principais dos estados nacionais definidas por Renner, alterando apenas alguns países utilizados na exemplificação. É interessante observar uma discordância na imagem, pois a Grécia aparece como um exemplo de forma “fragmentada” em Backheuser e “recortada” em Mattos. Na realidade, a apropriação das ideias de Renner se faz muitas vezes sem citação bibliográfica, o que evidencia como poucos autores consultaram o livro original.
- 31 Backheuser, um dos poucos a citar explicitamente o livro, faz questão de dizer que esta classificação das formas não poderia ter influência ratzeliana, pois na obra do autor “o estudo da linha periférica está de tal modo preso às formas do Estado” que “não são separados em capítulos ou parágrafos distintos” (Backheuser, 1952:82). Porém o autor alerta que trabalhos “modernos” distinguem as formas das questões associadas aos limites, e para seguir este caminho Backheuser não se furta de um diálogo com autores situados nos Estado Unidos, que serão bastante destacados em Meira Mattos.
- 32 Mas se a influência norte-americana fica evidente na ecologia das formas estatais apresenta por Backheuser, o impacto de obras alemães também se faz sentir no trabalho de Meira Mattos. Fazendo referência explícita ao trabalho de Backheuser, e muitas vezes reproduzindo trechos de seu texto, Mattos se apoia entre outros autores, em Supan, que teria, “aceitado a doutrina de Ratzel” ao afirmar que “a fronteira atual é sempre resultado de uma fase de sua evolução”. No intuito de exemplificar a instabilidade das fronteiras, Mattos também utiliza a mesma imagem que aparecera anteriormente no livro de Backheuser (fig.3 e 4).

Figura:4: Forças de Pressão nas Fronteiras em Backheuser



Backheuser, 1952

Figura 5: Forças de Pressão nas Fronteiras em Mattos



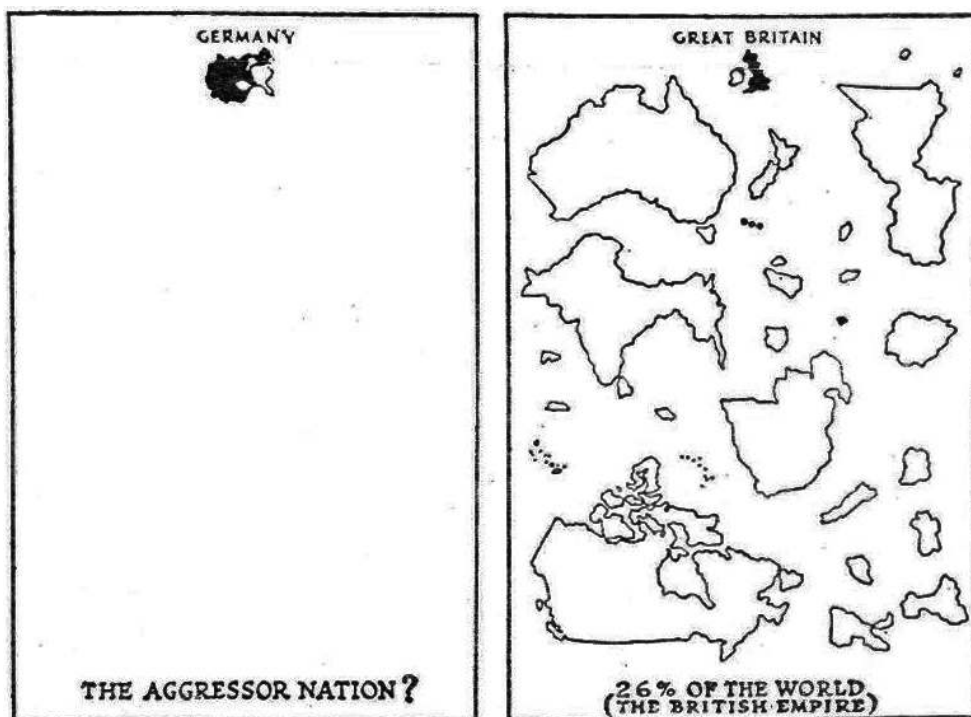
Mattos, 2011 [1977]

- 33 Backheuser (1952:144) claramente toma de Ratzel a metáfora organicista de que “o mapa político é como um tecido celular em vias de crescimento, no qual, em um dado momento, as paredes das células fossem petrificadas por um instante”. Para ambos os autores, a fronteira segue sendo um “ato de vontade e de força” e o esquema de Supan, sobre o quociente de pressão, é citado nos dois livros como referência para entender essa instabilidade das fronteiras. Para Backheuser a imagem acima seria a melhor forma de se explicar como o Estado B pode possuir uma pressão geopolítica (P), maior do que a de uma Estado A (P’). Como consequência a fronteira se moveria da posição FF para F’F’, fazendo com que o Estado mais fraco perca território. Ao comentar essa imagem, Mattos chega inclusive a afirmar que esta tendência comprovaria “o sétimo item da Lei dos Espaços Crescentes de Ratzel” (Mattos, 2011:59).
- 34 O fato dos dois autores utilizarem as mesmas imagens, fruto de referências bibliográficas similares evidencia aquilo que muitos pesquisadores já notaram em seus trabalhos, ou seja, existe uma continuidade clara das influências mobilizadas pelos geopolíticos brasileiros (Myamoto, 1981). No entanto, apesar de utilizar os mesmos autores, Mattos não perde a oportunidade de relativizar suas próprias bases em algumas passagens textuais. O autor utiliza, por exemplo, o trabalho do norte-americano Strausz Hupé para afirmar que as sete leis de Ratzel teriam majoritariamente o objetivo de “dar caráter científico às pretensões políticas do império Alemão”. Enquanto os alemães são apropriados e problematizados pelo autor, o trabalho dos norte-americanos e ingleses, como Arnold Toynbee, são colocados como “insuspeitos” devido ao seu caráter preponderantemente científico. De certa forma, o estudo das imagens pode contribuir para tornar evidente certas influências que muitas vezes são relativizadas e problematizadas ao longo dos textos.
- 35 Como toda pesquisa que busca dar destaque ao papel das imagens na circulação das ideias, o presente trabalho certamente corre o risco de proferir “argumentos circulares” que observem nos documentos figurativos apenas o que já se sabe “por outras vias” (Ginzburg, 1989:63; Novaes, 2013). Essa problemática foi exposta pelo historiador Carlo Ginzburg em seu comentário sobre o método iconológico, que muitas vezes se limita a ilustrar com imagens questões históricas já previamente resolvida pelos textos. Ou seja, os textos de Mattos já nos demonstravam suas influências alemãs e o uso de imagens similares por parte dos dois autores apenas ilustraria esta constatação sobre a apropriação das ideias geopolíticas no Brasil. Podem as imagens contribuir mais substancialmente para se discutir a circulação e a tradução das ideias geopolíticas? Os documentos figurativos poderiam, de fato, ser estudados em sua linguagem própria, considerando a circulação de influências e as traduções locais?
- 36 Para além de apenas identificar as referências bibliográficas que inspiraram a adaptação de imagens para se ensinar geopolítica no Brasil, também é fundamental se debruçar sobre a linguagem própria destes mapas. A hipótese da pesquisa é que seria possível identificar a circulação de influências nas próprias práticas cartográficas apropriadas nas imagens que acompanham os textos dos geopolíticos brasileiros. As figuras 1 e 2, por exemplo, utilizam uma prática de composição com territórios variados que privilegia comparação dos mesmos em detrimento da sua posição geográfica relativa.
- 37 O objetivo aqui não seria buscar a origem desta prática, mas é sintomático o reconhecimento da sua frequente utilização nos mapas geopolíticos alemães. Um exemplo bastante famoso apareceu na revista *Fatcs in Review* em 1940, publicada nos EUA pelos

alemães para convencer os norte-americanos a não entrarem na Segunda Guerra Mundial (figura 6). A nação agressora? Perguntavam os alemães utilizando uma composição que ignorava a posição geográfica e privilegiava a comparação dos seus territórios com aqueles sob domínio inglês. Esta prática de comparação territorial será utilizada com frequência pelos geopolíticos em situações de competição territorial que esteja associada com a forma e a extensão, desconsiderando a posição geográfica e valorizando as características próprias dos territórios representados.

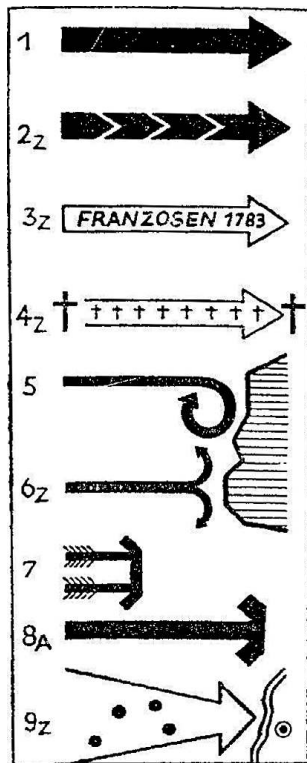
- 38 No intuito de desenvolver um vocabulário específico para representar de forma convincente as questões geopolíticas, alguns geopolíticos alemães elaboraram, inclusive uma série de sugestões de símbolos. Um dos artigos mais famosos com este objetivo é o de Schumacher, publicado na *Zeitschrift für Geopolitik* em 1932, onde o autor propõe variados símbolos para representar questões geopolíticas e fronteiriças. As setas representando uma pressão nas fronteiras, utilizadas aqui nas imagens de Backheuser e Mattos (figuras 3 e 4) no intuito de ilustrar o trabalho de Supan, aparecem com amplo destaque. Segundo Schumacher, é a partir da utilização de setas que se representam as pressões fronteiriças com maior impacto e eficiência e o autor incluiu muitos exemplos de setas em seu “vocabulário” (figura 7).

Figura 6: Comparação Territorial na Cartografia Geopolítica Alemã



Facts in Review, 1940 apud Quam, 1943

Figura 7: Tipos de Seta na Cartografia Geopolítica Alemã



SCHUMACHER, 1935

- 39 Seria possível estudar a circulação de conhecimento não apenas a partir dos textos, mas através da apropriação e tradução das linguagens cartográficas utilizadas para representar questões geopolíticas? Como se dá a apropriação de práticas cartográficas que circulavam na literatura estrangeira na representação de temáticas locais nos textos dos geopolíticos brasileiros? Estas perguntas ainda estão longe de serem respondidas e certamente necessitam de uma pesquisa aprofundada que possibilite a coleta e a catalogação de uma grande quantidade de imagens. É somente a partir de um conjunto mais amplo de exemplos é que poderemos sistematizar uma pesquisa sobre as práticas cartográficas geopolíticas no Brasil, considerando os temas abordados e as linguagens utilizadas para representar questões específicas do continente sul americano.

Palavras Finais

- 40 O reconhecimento do poder que as imagens têm para sintetizar um argumento e causar um estímulo no observador foi provavelmente o que impulsionou o uso frequente dos mapas para ilustrar narrativas geopolíticas. H. Mackinder, por exemplo, considerava a geografia como uma disciplina “essencialmente visual” e para desenvolver e difundir o seu argumento sobre uma “área pivô da história” atribuiu à imagem uma função fundamental (Driver, 2003). Já o general K. Haushofer declarava explicitamente a busca por uma linguagem cartográfica eficiente para “maximizar os efeitos psicológicos na audiência” (Herb, 1989).
- 41 O uso das imagens na geopolítica torna explícito o caráter argumentativo e a busca de convencimento, características tão destacadas por Latour (2015) em seus comentários

sobre as inscrições e imagens científicas. A proposta de Latour apresenta o que o autor chama de uma “estratégia deflacionária”, oferecendo um estilo “irônico e refrescante”. A ideia seria “desinflar grandiosos esquemas e dicotomias conceituais” mantendo o foco na “maneira como grupos de pessoas discutem com outros usando papel, signos, impressões e diagramas”. A ênfase, portanto, não estaria nas grandes ideias e esquemas argumentativos, mas sim nas “mudanças no processo de escrita e produção de imagens”.

- 42 Ao focar na circulação e tradução de linguagens cartográficas específicas, esta pesquisa busca entender justamente como a produção de imagens é parte integrante e fundamental dos esquemas argumentativos da geopolítica brasileira. Quem desenhava estas imagens? Quem definia quando um argumento deveria ser ilustrado? Como os geopolíticos atuavam na definição da ordem das imagens em seus livros? Em que contextos essas imagens eram expostas e quando eram lidas de forma conjunta ou separadas dos textos?
- 43 Mesmo reconhecendo a existência de um campo consolidado de estudos da geopolítica brasileira, reunindo autores estrangeiros e brasileiros, é importante considerar que poucos estudos históricos se debruçaram de forma interpretativa sobre a difusão das linguagens cartográficas na geopolítica. A expectativa é que este projeto possa estimular a formulação de novas agendas de pesquisa nos estudos sobre a circulação de ideias geopolíticas no Brasil.

BIBLIOGRAPHY

- ANSELMO, R. de C. (2000): Geografia e Geopolítica na Formação Nacional Brasileira : Everardo Adolpho Backheuser. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista.
- BECKER, B. K. (1988): A geografia e o resgate da geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, n. especial, p. 99-125.
- BLACK, J. (2005): Mapas e História: Construindo imagens do passado. Bauru, SP: Edusc.
- BASSIN, M. (1987). Race contra space: the conflict between *Geopolitik* and national socialism. *Political Geography Quarterly* 6, 115-134.
- BACKHEUSER, E. (1926). Das politische conglomerat Brasilien. *Zeitschrift für Geopolitik* 3, 625-630.
- _____ (1952): Geopolítica Geral e do Brasil. Rio de Janeiro. Editora do Exército.
- CAMPBELL, D. (2007): ‘Geopolitics and visuality: Sighting the Darfur conflict’, *Political Geography* 26.4, pp.357-82.
- CAPEL, H. (2012): Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- CHILD, J. (1979): Geopolitical Thinking in Latin America. *Latin America Research Review*. nº 14. p.89-111.
- _____ (1985): Geopolitics and Conflict in South America: Quarrels Among Neighbors. New York: Praeger.

- _____ (1988). *Antarctica and South American Geopolitics*. New York: Praeger.
- _____ (2008). *Miniature Messages: The Semiotics and Politics of South America Postage Stamps*. Duke University Press.
- COSTA, W. M. (1992): O Ressurgimento da Geopolítica na Europa. In: *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo, Hucitec.
- DODDS, K. (1993): Geopolitics, Cartography, and the State in South America, *Political Geography* 12/4 pp.361-81, see pp.361-2.
- _____ (1997): *Geopolitics in Antarctica: Views from the Southern Ocean Rim*. Chichester. John Wiley.
- DRIVER, F. (2003): On Geography as a Visual Discipline. *Antipode*. 35:227-231.
- DRIVER, F. e JONES, L. (2009): *Hidden Histories of Exploration: Researching the RGS-IBG Collections*. London, Royal Holloway. University of London.
- FREITAS, J. M. C. (2004): *A Escola Geopolítica Brasileira*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora.
- HARLEY, J. B. (2002): *The New Nature of Maps. Essays in the history of cartography*.
- LAXTON (edit). Baltimore and London. The Johns Hopkins University Press.
- HEPPLE, L. W. Lewis Tambs, *Latin American Geopolitics and the American New Right*. School of Geographical Sciences, University of Bristol, England. S/D. 26 pp. Disponível em: <<http://www.bristol.ac.uk/geography/documents/hepple/lewis.pdf>>. Acesso em 10/09/2015.
- _____ (1986): Geopolitics, generals and the state in Brazil. *Political Geography Quarterly*. Supplement to Vol. 5, No. 4, October 1986, S79-S90.
- _____ (1986): The Revival of Geopolitics. *Political Geography Quarterly*. 5 (4). p.21-36.
- _____ (1992): Metaphor, Geopolitical Discourse and the Military in South America. In: BARNES, T. e DUNCAN, J. S: *Writing Worlds. Discourse, text metaphor in the representation of landscape*. London. Routledge.
- _____ (2001): Reply to Simon Dalby and David Atkinson. *Commentaries. Progress in Human Geography*. 25. 3. p.426.
- HEFFERNAN, M. (2000). Balancing visions: comments on Gearóid Ó Tuathail's critical geopolitics. *Political Geography* 19, pp. 347-352.
- HERB, H. G. (1989): "Persuasive Cartography in Geopolitik and National Socialism". *Political Geography Quarterly* 8 (3): 289-303.
- HUGHES, R. (2007): Through the Looking Blast: Geopolitics and Visual Culture. *Geography Compass* 1/5 (2007): 976-994.
- GINZBURG, C. (1989): De A. Warburg a E. H. Gombrich: Notas sobre um problema de método. In: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo. Companhia das Letras.
- LATOUR, B. (2015): "Cognição e visualização", *Terra Brasilis (Nova Série)*. Nº4.
- MACDONALD, F. (2006). Geopolitics and 'the vision thing': regarding Britain and America's first nuclear missile. *Transactions of the Institute of British Geographers* 31 (1), pp. 53-71.
- MACDONALD, R. HUGHES, S. e Dodds, K. (eds), (2010): *Observant States: Geopolitics and Visual Culture*. London: IB. Tauris.

- MARTINS, L. 1993. Friedrich Ratzel através de um prisma. Rio de Janeiro, UFRJ (dissertação de mestrado).
- MARTIN, A. R. (2007): Brasil, Geopolítica e Poder Mundial: o Anti-Golbery. Tese (Livre-docência), Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 118.
- MATTOS, C. de M. (1960). *Projeção Mundial do Brasil*. São Paula: Grafica Leal.
- _____ (1977). *A Geopolítica e as Projeções do Poder*. Rio de Janeiro: Jose Olympio.
- _____ (1979). Desinformação histórica e segurança nacional. *A Defesa Nacional* 66 (184). 61-65.
- _____ (1990) *Geopolítica e Teoria de Fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Bibliex.
- _____ (2011): *Geopolítica*, V.1. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- MELLO, L. I. A. (1987): *A geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata*. 1987. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo.
- MIYAMOTO, S. (1981): Os Estudos Geopolíticos no Brasil: Uma contribuição para a sua avaliação. *Perspectivas*. São Paulo. 4. 75 – 92.
- MONTEIRO, L. C. R. (2014): *Segurança na América do Sul: a construção regional e a experiência colombiana*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MORAES, A. C. R. (1990): Ratzel. São Paulo: Ática, 1990. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- NOVAES, A. R. (2010): *Fronteiras Mapeadas: Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-Americanas na cartografia da imprensa Brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____ (2013): Geografia e História da Arte: Apontamentos para uma crítica a Iconologia. *Revista Espaço e Cultura, UERJ*, nº33, P.43-64, JAN./JUN.
- KELLY, P. (1984): Geopolitical themes in the writings of General Carlos de Meira Mattos. *Journal of Latin America Studies*. 16, 439-461.
- PEREIRA, S. N. e ZUSMAN, P. (2000): Entre a Ciência e a Política. Um Olhar sobre a Geografia de Delgado de Carvalho. *Revista Terra Brasilis*.
- PFRIMER, M. H. Heartland Sul-americano? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 29, pp. 131 - 144, 2011.
- RENNER, T. WHITE, L. (1935): *Human Geography – An Introduction to Human Ecology*. London: Oxford University Press.
- SCHUMACHER, R. V (1935): Zur Theorie der geopolitischen Signatur. *Zeitschrift für Geopolitik*. 12, 247-265.
- SEEMANN, J. (2012): Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções, *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online].
- SOARES, T. (1973): *História da Formação das Fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro editora. Biblioteca do Exército.
- STEINBERGER, M. B. (2005): *Discurso Geopolítico da Mídia: Jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo. EDUC.

TAMBS, L. A. (1965): Geopolitical factor in Latin America. In: BAYLEY, N. A (ed.). *Latin America: Politics, Economics and Hemisphere Security*. New York: Praeger.

_____ (1970): Latin American Geopolítica: A basic bibliography. *Revista Geografica*. 73, p.73, 71 – 106.

_____ (1977): Geopolítica del Amazonas. *Estratégia*, 45 :69 – 104.

_____ (1980): O xadrez geopolítico da América Latina. *Brasil Defesa*, 4:6-10.

TUATHAIL, G. and AGNEW, J. (1992): Geopolitics and Discourse: Practical Geopolitical Reasoning in American Foreign Policy. *Political Geography*, 11:190 - 204.

_____ (1996): *Critical Geopolitics: The Politics of Writing Global Space*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 412 p.

VLACH, R. F. V. (2003): Estudo Preliminar acerca dos Geopolíticos Militares Brasileiros. *Revista Terra Brasilis (Nova Série)*. 4-5.

ABSTRACTS

Os escritos dos geopolíticos brasileiros do século XX vêm sendo estudados por meio de diferentes óticas. No entanto, apesar de existir um interesse consolidado sobre estes textos, pouca atenção sistemática tem sido dada à produção cartográfica que os acompanhavam. Tendo como objetivo valorizar o papel das imagens na produção e circulação do conhecimento geopolítico no Brasil, este artigo busca estudar o uso de mapas na difusão de teorias sobre as fronteiras em dois autores, geralmente associados a momentos distintos do pensamento geopolítico brasileiro: Everardo Backheuser e Carlos de Meira Mattos. Na primeira seção, buscarei oferecer uma classificação de alguns caminhos que pesquisadores brasileiros e estrangeiros trilharam no estudo dos geopolíticos sul-americanos. Posteriormente, apresentarei breves exemplos selecionados do universo de pesquisa, considerando como o estudo das imagens pode contribuir para relativizar narrativas históricas tradicionais sobre a circulação de ideias geopolíticas no Brasil.

The Brazilian geopolitical writings from the twentieth century have been studied from different perspectives. However, despite a consolidated interest on these texts, little systematic attention has been given to the cartographic production that accompanied them. Aiming to enhance the role of images in the production and circulation of geopolitical knowledge in Brazil, this article seeks to study the use of maps in the dissemination of theories on borders in two key authors, usually associated with distinct moments in Brazilian geopolitical thinking: Everardo Backheuser and Carlos de Meira Mattos. In the first section, I will provide a classification of some paths trailed by Brazilian and foreign researchers in order to study South American geopolitics. Afterwards, I will present selected examples from the archive research, considering how the study of images can contribute to challenge traditional historical narratives on the circulation of geopolitical ideas in Brazil.

Los escritos de los geopolíticos brasileños del siglo XX han sido estudiados a través de diferentes perspectivas. Sin embargo, a pesar de un interés consolidado sobre estos textos, se ha prestado poca atención sistemática a la producción cartográfica que los acompañaba. Con el objetivo de potenciar el papel de las imágenes en la producción y circulación del conocimiento geopolítico en Brasil, este artículo busca estudiar el uso de mapas en la difusión de teorías sobre las fronteras en dos autores, asociados con momentos distintos en el pensamiento geopolítico de Brasil: Everardo Backheuser y Carlos de Meira Mattos. En la primera sección, voy a tratar de proporcionar una

clasificación de algunos caminos que los investigadores brasileños y extranjeros ofrecen para estudiar la geopolítica sudamericana. Posteriormente, voy a presentar breves ejemplos seleccionados de entre el universo de la investigación, teniendo en cuenta cómo el estudio de las imágenes puede contribuir a relativizar las narrativas históricas tradicionales sobre el movimiento de las ideas geopolíticas en Brasil.

Les écrits géopolitiques brésiliens du XXe siècle ont été étudiés à partir de différentes perspectives. Toutefois, malgré un intérêt consolidée sur ces textes, peu d'attention systématique a été donnée à la production cartographique qui les accompagnait. Visant à renforcer le rôle des images dans la production et la circulation des connaissances géopolitique au Brésil, cet article cherche à étudier l'utilisation des cartes à la diffusion des théories sur les frontières dans deux auteurs principaux, généralement associée à des moments distincts de la pensée géopolitique brésilienne: Everardo Backheuser et Carlos de Meira Mattos. Dans la première section, je vais donner une classification de certaines tendances offertes par des chercheurs brésiliens et étrangers afin d'étudier la géopolitique d'Amérique du Sud. Ensuite, je vais vous présenter des exemples choisis de la recherche d'archives, compte tenu de la façon dont l'étude des images peut contribuer à relativiser récits historiques traditionnels sur le mouvement des idées géopolitiques au Brésil.

INDEX

Geographical index: Brasil

Mots-clés: langage cartographique, géopolitique brésiliens, image, frontières

Keywords: cartographic language, Brazilian geopolitics, image; borders

Chronological index: 1901-2001

Palabras claves: lenguaje cartográfico, geopolítica de Brasil, imagen, fronteras

Palavras-chave: linguagem cartográfica, geopolítica brasileira, imagem, fronteiras

AUTHOR

ANDRÉ REYES NOVAES

Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia Humana (UERJ)

andrereyesnovaes@gmail.com